

HOMOSSEXUALIDADES E CIRCUITOS DO DESEJO NO RIO DE JANEIRO

Por Luís Felipe Rios

Neste artigo, busco refletir sobre alguns aspectos da organização das vidas eróticas de homens jovens com práticas homossexuais, reconstituindo e apresentando cenas eróticas próprias ao circuito homoerótico do Centro do Rio de Janeiro.

Como recurso para a apresentação dos dados, recorro ao que chamo de **sujeito coletivo**. Criei um personagem ficcional, que poderia ser qualquer um dos rapazes com os quais tenho convivido nas minhas pesquisas ou ações educativas – ainda que nenhum deles, pois Fábio tem uma história que é só sua. Na sua construção, seguindo o processo de constituição das subjetividades como acontecem no mundo real, marquei-o por inserções de classe, de gênero, raciais, etárias, instrucionais, marcadores e padrões de beleza etc. Inserções que determinam as trajetórias de vida das pessoas e suscetibilidades a diferentes agravos sociais, como aponte em outro trabalho (Rios, 2002 b).

De certa forma, Fábio, em diversos dos eventos que passarei a narrar, estará como que “incorporado” por algum dos homens com quem interagi no decurso da pesquisa – ou sendo “dirigido” por mim por meio de *scripts* (Simon e Gagnon, 1999) que apreendi dos fatos que me foram narrados e das interações que observei. O leitor pode reencontrar essas múltiplas “entidades” com as quais Fábio estará “atuado” em alguns dos textos produzidos anteriormente, como Rios (1997 e 2002 b) e Almeida, Rios e Parker (2002), ou em interações e sujeitos descritos por outros autores, como Parker (1991 e 2002) e Terto Jr. (1989).

Assim, se a minha experiência etnográfica foi suficiente para que eu chegasse às estruturas que orientam os eventos (Sahlins, 1990), quero crer que mesmo os fatos ficcionais são passíveis de serem reais – ou ainda, do mesmo modo como sugere Fry (1982) em relação à criação dos personagens Amaro e Aleixo por Adolfo Caminha no romance *Bom-crioulo*, as situações que Fábio representa, se não são verdadeiras, são verossímeis.

Fábio, desde 14 ou 15 anos, iniciou-se no circuito por que transitaremos descobrindo os diferentes lugares onde a sexualidade que “não ousa se dizer” encontra espaços para a sua realização. Hoje, aos 19 anos, ele é perito nas artes da “pegação” (paquera) e conhece todos os “buracos” e “inferninhos” do Centro e arredores.

Do ponto de vista de identidade sexual, só na época em que descobriu o circuito referido é que veio a se reconhecer como homossexual. Hoje, com 19 anos, Fábio não é alto nem baixo, nem é gordo nem é magro, também não é fisiculturista. Tem cabelos e olhos escuros, mas de pele clara. Ainda que não possua os exaltados atrativos contemporâneos de beleza, faz o tipo mediano, que “agrada a maioria”: não é negro, não tem o cabelo pixaim, não é gordo, não é peludo. Também não é “afeminado” (utilização de marcadores do feminino hegemônico para compor *performances* de gênero). Assim, além de ter sua homossexualidade invisibilizada aos olhos do machismo e heterossexismo dominante, também transita muito bem no

meio gay.

Circuito do desejo

O Centro da cidade do Rio de Janeiro. Ficarei circunscrito a um circuito muito conhecido pelos homens com práticas homossexuais – Campo de Santana e Central do Brasil, Via Ápia e Aterro do Flamengo, Cinelândia, Lapa, avenida Mem de Sá e rua Gomes Freire etc. Conforme Parker (2002), por seu grande movimento e sua relativa mistura de classes sociais, o Centro é um dos principais locais da vida *gay* no Rio de Janeiro.

Sexta-feira, primeira parada, Lapa, por volta das 23 horas. Para começar a noite, nada melhor do que uma cerveja em uma das barraquinhas que se amontoam na calçada que divide as duas vias de trânsito. Dali, Fábio pode observar o movimento, as pessoas chegando, passando. Os sentidos já estão alerta, pode calhar de cruzar o olhar, se não for com o “príncipe encantado” – que “todo” homem sonha em um dia encontrar – pelo menos com um rapaz “gostoso” e “bom de cama” que “lhe dê muito prazer naquela noite”. De preferência, que tenha o dinheiro para pagar as cervejas, o “churrasquinho de gato” e, sobretudo, o motel, caso a interação resulte em sexo. Vale lembrar que Fábio apenas estuda, iniciou um curso universitário, que os pais se esforçam em pagar na esperança de que o filho tenha um futuro melhor. Mas a noite está só começando, e encontrar o tal príncipe logo de cara nem sempre é fácil – ainda que seja um daqueles que “se transforma em sapo” aos primeiros raios da manhã ou após o orgasmo.

O seu *point* predileto é o Congado (nome fictício), que só abre às sextas; uma mistura de bar e *dancing*. Não é um lugar explicitamente “*gay*”, mas a frequência, pode-se dizer, é majoritariamente de homens. Também é possível afirmar que o homoerotismo “transpira junto com o suor”. Fábio curte o local pelo que chama de “ecletismo”. Quando toca *funk*, não há como negar, é tanta gente a se espremer ali que ou se “sarra” ou se é “sarrado”, “não tem machão certo!”. Os “heterossexuais convictos” que se retirem, caso se sintam incomodados.

A “sarração” é caracterizada como o ato de esfregar-se, de “roçar” as partes erógenas em busca da excitação sexual; é entendida como um ato relacional, em que duas ou mais pessoas podem estar envolvidas.

No Congado, as cadeiras balançam, e as mãos correm. Para quem gosta de ser “sarrado” nas nádegas, é só ir se chegando para trás; quem tem outra preferência erótica, vai se chegando para frente e pode usar da genitália (escondida dentro da calça – ainda que já “agitada” pelo clima de sensualidade e erotização das músicas e dos corpos em movimentação) ou das mãos para “roçar” quem está na frente. Isso tudo acontece, com muito tato, ou seja, checando por uma série de códigos as preferências eróticas do outro (se este responde positivamente, com olhares de aquiescência, aproximação, sorriso etc., ou negativamente, com cara feia, afastamento, pedido de licença – assim, a pessoa se desculpa e culpa a multidão). Mas, volto a lembrar, é necessário que seja tudo na discrição. Sem chamar muita atenção para o que está se passando dos dorsos para baixo!

No Congado, contribuem para a excitação de Fábio o jogo entre implícito e explícito

e a suposta e discreta quebra dos tabus sexuais em um espaço supostamente heterossexual. Além disso, a excitação coletiva, quase orgiástica, mas sem a nudez dos genitais (e das nádegas).

Fábio, por não encontrar alguém interessante naquele espaço e como estava muito a fim de uma interação sexual “mais quente”, foi, como de costume, até o Aterro – dez minutos de caminhada. O melhor horário para se chegar àquele local, um parque público, é entre 3 e 4 horas. Nesse horário, os guardas estão menos vigilantes, e isso permite que se fique mais relaxado. As pessoas estão saindo dos bares, boates e festas e vão chegando. Há também os que madrugam em busca de prazer sexual, e aquele é o lugar mais certo e mais barato para encontrá-lo.

As pessoas procuram os lugares mais ensombrados para parar e mostrar o pênis (os que têm preferências por interações sexuais em que sejam os penetradores, na boca ou no ânus). Há os que preferem se destacar; assim, ao arrumar alguém, não precisam dar espaço para uma interação grupal. Alguns preferem não ficar muito distantes dos outros, até porque não dispensam a potencialidade da excitação de observar as interações sexuais alheias. Podem até, quando determinados sinais são acionados, se aproximar, e o sexo grupal pode se formar. Há, ainda, os que ficam passeando de uma árvore a outra, sempre seguindo o caminho das sombras, para não chamar atenção dos policiais.

Fábio parou sob a sombra de uma grande árvore e começou a se masturbar. Alguns passos adiante, outros rapazes, homens de meia idade e idosos também se masturbavam ou observavam os outros se masturbando. Às vezes, até que a masturbação individual dê passagem à coletiva, demora um pouco. A masturbação mútua pode resultar também em sexo oral (dual ou coletivo). No Aterro, como nas interações no Congado, a discursividade oral é mínima; são gestos, toques e olhares que sinalizam os sentidos, as vontades, os desejos e as práticas.

É comum, enquanto as pessoas se abraçam, enquanto os mamilos são sugados, as mãos trabalham e os dedos verificarem se o parceiro gosta de ser penetrado. Um mesmo homem pode ser penetrado por vários, um após outro. Nesse tipo de interação erótica, é bastante comum o compartilhamento de “camisinhas”: sem trocar o preservativo, um mesmo sujeito penetrar vários homens. Em geral, uso do preservativo se restringe ao sexo anal, raramente é usado no sexo oral. Ainda no sexo anal, há sempre alguém transando sem ele.

Na verdade, não terei condições de descrever todos os tipos de interações que se formam em locais como o Aterro. Uma composição das que descrevi acima, porém, será recorrente. Quero assinalar, entretanto, que prevalece o clima de consentimento e respeito pelas disponibilidades alheias para as práticas. Se alguém não está gostando de um tipo de prática ou da tentativa de envolvimento de alguém que não se deseja, isso é sinalizado. Se o(s) parceiro(s) insiste(m), quem se sente incomodado procura outro lugar e/ou outra(s) pessoa(s).

Fábio está exausto da noite, dos “flertes”, “sarros” e “transas”. Segue, então, para casa, onde encontrará o “sono dos justos” e sonhará com o seu programa para o sábado: talvez uma visita ao clube Estrela da Noite (nome fictício), ainda nas imediações da Lapa.

Mudando a cena, os roteiros interpessoais que orientam as interações (Simon e Gagnon, 1999) também mudam. No Estrela da Noite, o foco, bem mais que no Congado e, sobretudo, que no Aterro, é o da busca pelo contato verbal, ainda que também culmine no intercuro sexual.

Quando Fábio está à procura de “relacionamento”, evita flertar com rapazes mais jovens. Em geral seus olhares se dirigem para homens mais velhos (em trono de dez anos). O Estrela da Noite é um dos lugares onde está buscando o seu “príncipe”, que, entre outros requisitos, deve poder “bancá-lo” (assumir os custos do parceiro). Assim, um homem com dez anos a mais deve estar no lugar onde o próprio Fábio quer estar daqui a dez anos: estabilizado financeiramente.

Isso não quer dizer que, se algum rapaz mais jovem “lhe der mole”, ele não permita a aproximação e não passe para os “sarros” ou para a “transa”. De fato, isso ocorre muitas vezes, mas o que seus olhos buscam, sobretudo em espaços como esse, não é apenas alguém para “ficar” por uma noite – pelo menos até saturar o seu limite de cerveja.

Em suas escolhas, Fábio rapidamente analisa o vestuário e tipo físico, tentando encontrar indicativos de classe – não basta ser mais velho, tem de ser estabelecido. E, de tanto procurar, ele viu um rapaz interessante: camiseta básica, sapato de uma marca acessível às classes médias, calça *jeans*, em torno de 30 anos: o seu tipo ideal.

No Estrela da Noite, o contato nunca deve começar por toques, como no Congado, e o grau de exigência para permitir que um flerte ou “cantada” se transforme em interação corporal é bem maior. A discursividade oral é bem mais valorizada e nem sempre uma aproximação, ainda que desejada, culmina em sexo.

Após um ritual de aproximação – que envolve o entrecruzamento dos olhares e a aproximação verbal –, segue uma conversa “em pé de orelha”. Carlos é o nome do novo personagem. Entabulada a aproximação, ainda sem contatos corporais, eles buscam um local mais apropriado para conversar, o que leva à “sarração”.

As mãos trabalham, Fábio e Carlos se exploram mutuamente. Além do prazer imediato proporcionado pelos toques, é sempre bom saber a preferência erótica do provável parceiro “na cama” para que não haja mal-entendidos, pelo menos uma idéia quanto à preferência sexual – se o outro é “ativo/penetrativo” ou “passivo/receptivo”, ou se isso não interessa a ele. Quando as posições são iguais e consideradas de modo fixo, fica difícil levar o relacionamento adiante, ainda que seja um relacionamento de uma única noite.

Fábio arrisca e passa a mão nas nádegas de Carlos que não se incomoda. Ao contrário, gosta – um aceno de que a passividade, se não é a preferência de Carlos, pelo menos não lhe é um “problema”. Fábio reforça as carícias e, já bastante excitado, enfia a mão por dentro das calças e da cueca do parceiro, descendo nádegas abaixo. Carlos “explode” de prazer. Ele propõe ao ouvido de Fábio que vão para outro lugar e sugere um motel perto dali. Fábio explica que o seu dinheiro acabou, só está com o da passagem. Carlos diz que não há problema, não tem muito dinheiro, mas dá para pagar o quarto.

Sobre o que aconteceu entre “as quatro paredes”, deixo para as imaginações dos leitores. Pode auxiliar toda a gama de práticas que elenquei acima e as dicas que dei sobre os dois personagens. Só assegurarei que eles usaram preservativo nesse primeiro encontro. Talvez, se a relação se tornar duradoura, entre o terceiro e o sexto mês, eles abandonarão os preservativos, como prova de amor e de crença na fidelidade do outro.

Roteiros da eroticidade

No circuito *gay* descrito, o erótico, ainda que se articule com as normas de sexualidade (Rubin, 1998; Parker, 1991; Rios, 2002 a) e negocie com as hierarquias de passividade/atividade do gênero (Parker, 1991; Rios, 2002 a), orienta de forma preponderante a vida sexual dos homens que fazem sexo com homens (HSH). No sistema erótico, como descreve Parker (1991), a “norma” é a busca pelos prazeres que os corpos podem oferecer, ainda que, e sobretudo, às custas das quebras das regras dos outros dois sistemas – sistema de gênero e sistema de sexualidade.

No âmbito do sistema erótico, e a partir de minhas observações, identifiquei quatro ordens que se entrecruzam na organização das práticas. Essas ordens, ainda que muitas vezes constituam no espaço social coletivo lugares específicos para as suas realizações, em verdade devem ser pensadas mais como operadores que orientam as práticas, tanto “ali”, naqueles supracitados locais, como alhures. São elas a “azaração”, a “sarração”, o “baco” e o “relacionamento” (os termos para nomeá-las foram tomadas do próprio discurso nativo).

A “azaração” atravessa todos aqueles espaços, ainda que, no espaço comum das ruas, apareça de forma quase autônoma. Nessa ordem, o sentido corporal mais utilizado é a visão. As sutis trocas de olhares podem sinalizar os desejos e caracterizam os atos da “pegação”. Uma discursividade gestual que pode dar passagem a “sarrações”, “bacos” ou “relacionamentos”.

As “sarrações”, por sua vez, não se restringem a espaços como o do Congado. Elas ocorrerão onde multidões de aglomeram e podem ser caracterizadas pelas transgressões das regras hegemônicas de proxemia (Alferes, 1987), como uma espécie de invasão dos limites de contato corporais, comuns nas relações cotidianas não-sexuais – sobretudo na percepção que os outros (os que não estão envolvidos na “sarração”) têm das interações que estão observando. Assim, também estarão presentes nos ônibus e em trens superlotados, nos bailes de carnaval, nos namoros de “pé de muro” dos casais etc.

A busca e o encontro de “relacionamentos” não se restringem aos lugares normalmente concebidos como “de família”, próprios para os encontros e enlaces que tendem a se tornar duradouros, lugares que prezam pelas regras hegemônicas do decoro, onde se alinham os terreiros de candomblé, as festas em casas de amigos, os grupos *gays*, bares e boates etc. Não obstante, onde o relacionamento opere, é a possibilidade da palavra que faz com que outras interações sexuais (“azaração”, “sarros” e “bacos”) caminhem para o namoro ou amizade, cingindo compromissos que atravessam aquele momento. Palavra que também pode surgir em espaços “orgiásticos” como um “banheirão da central”, um clube de sexo etc.

O “baco”, uma forma condensada de bacanal, se refere ao que em geral se concebe como práticas sexuais (felação, sexo anal etc.), em que duas ou mais pessoas estão envolvidas. Vale salientar que, no sistema erótico, há a primazia de práticas marginalizadas pelos discursos normativos da sexualidade (religiosos, médico etc.). Além de estar presente, entre outros lugares, nos “quartos escuros” das boates ou nos “swings” do *funk* (local nos bailes, em geral um aposento mais escuro, onde há brincadeira de troca de casais e interações eróticas que vão da “sarração” e ao “baco”), essa ordem invade a santidade dos lares, “as quatro paredes” que consagram as interações sexuais. Também nesse âmbito as interações duais, preconizadas pelos outros sistemas de entendimento da vida sexual, são subvertidas com a entrada (real, virtual ou imaginária) de terceiros, o que, muitas vezes, ajuda a manter (ou incrementar) a excitação sexual dos casais. Isso pode se dar na privacidade, na lembrança de outras interações com outras pessoas ou na imaginação de possibilidades, mas também pode invadir o casal, quando ambos incrementam suas excitações, ao observar outros casais em “sarros” ou “transas” – também no real ou no virtual, quando vêem *sites* eróticos na Internet, assistem a filmes pornô etc.

Volto a enfatizar que, na verdade, as práticas sexuais estarão, em maior ou menor grau, atravessadas pelas quatro ordens, ainda que, em determinados locais, nas suas próprias constituições sociossexuais, uma ou outra prevaleça. É importante que eu deixe claro, até para evitar um certo obscurantismo heterossexista e moralizante, que as quatro ordens também orientarão – ainda que com matizes diferentes e marcadas por um certo reprodutivismo – a organização da heterossexualidade. Elas precisam ser encaradas nas pesquisas e ações não como supostos desvios das normas, mas como possibilidades utilizadas e **consentidas** pelos envolvidos, para a obtenção do prazer.

Vale destacar, que o sexual, enquanto construção social, é muito mais que a satisfação de necessidades básicas ou a ferramenta para a reprodução de espécimes e manutenção do exército de mão-de-obra; ele está sobretudo relacionado, como a busca pela socialidade e pela diversão. Contudo, não estou querendo dizer que encontrei a sexualidade liberta das regras e acordos, em seu estado *in natura*. Pelo contrário, como bem mostrou Parker (1991), não devemos pensar o erótico como o “a essência do sexual”, livre da cultura: gostos e prazeres, práticas e representações eróticas são, também, construções culturais e variam de uma sociedade para outra.

Acredito que para termos mais sucesso em nossas abordagens de educação em saúde e de *advocacy* por uma sociedade mais justa e eqüitativa, precisamos conceitualizar – nas ações e nas pesquisas – os desejos, os prazeres e vivências (homo)eróticas, tanto como construções sócio-culturais, quanto como *bens afirmativos*: o direito universal de usufruir plenamente do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer (cf. Petchesky, 1999).

Agradecimentos: Quero registrar o meu especial agradecimento aos jovens que compartilharam comigo suas experiências sexuais. Também sou grato ao VI Programa de Metodologia em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva (NEPO-UNICAMP/FORD) pelos recursos para a realização da pesquisa; a Richard Parker

pela orientação da pesquisa da qual este artigo é apenas um fragmento da etnografia que comporá minha Tese de Doutorado; a Lady Selma Albernaz que me instigou a escrever este artigo; a Vagner de Almeida, com quem colaboro na condução do projeto Juventude e Diversidade Sexual (ABIA/CN-DST/AIDS); a Ivya Maksud e a Magaly Pazello, pelas leituras e sugestões que ajudaram a enriquecer e tornar mais claro este artigo; e a Leandro Bastos, co-etnógrafo em muitas das passagens deste trabalho, além de companheiro de todas as horas.

Referências

- ALFERES, V., 1987. O corpo: regularidades discursivas, representações e patologias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 23: 211-219. 4 abril 2003 <http://www.fpce.uc.pt/nucleos/niips/i_pub/val_pub/corpo.htm>
- ALMEIDA, V.; RIOS, L. F. e PARKER, R., 2002. *Ritos e Ditos de Jovens Gays*. Rio de Janeiro: ABIA.
- FRY, P., 1982. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. In: *Caminhos Cruzados* (C. Vogt, org.), pp: 33-52, São Paulo: Brasiliense.
- PARKER, R., 1991. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.
- PARKER, R., 2002. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro: Record.
- PETCHESKY, R., 1999. Direitos Sexuais: Um novo conceito na prática política internacional. In: *Sexualidades pelo Averso: direitos, identidades e poder* (M. R. Barbosa e R. Parker, orgs.), pp. 15-38, São Paulo: Editora 34
- RIOS, L., 1997. *Loce loce, metá rê-lê! Homossexualidade e transe(tividade) de gênero no candomblé de nação*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.
- RIOS, L., 2002a. Quando o assunto é cultura sexual: um “olhar sobre a mídia”. *Olhar sobre a Mídia* (CCR, org.), pp. 169-146, Belo Horizonte: Mazza.
- RIOS, L., 2002b. Comportamento Sexual e Saúde: reflexões sobre a prevenção do HIV/AIDS entre jovens HSH no Brasil. In: *Conferencia regional: Varones adolescentes: construcción de identidades em América latina. Subjetividades, prácticas, derechos y contextos socioculturales*. Mimeo, Santiago (Chile): FLACSO .
- RUBIN, G. 1998. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader* (P. Nardir & B. Schneider, eds.), pp. 100-133, London: Routledge
- SAHLINS, M. 1990. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SIMON, W. and GAGNON, J., 1999. Sexual Scripts. In: *Culture, society and sexuality: a reader* (R. Parker and P. Aggleton, ed.), pp. 29-38, London: UCL.
- TERTO JR. V., 1989. *No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.

Sobre el autor

Luís Felipe Rios

Doutorando em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Assessor de Projetos da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)

E-mail: fipo@bol.com.br